



**PA
LES
TRA**

PALESTRA

**O ARQUÉTIPO
DA SOMBRA NA
POLARIZAÇÃO
POLÍTICA
BRASILEIRA**

**PALESTRANTE
DEBORAH CELENTANO
MEDIADOR
MAURÍCIO SUHETT
PARTICIPAÇÃO
JOÃO VIANEY**

08 / 11 / 2019

Realização:

Centro de
Formação, Treinamento
e Aperfeiçoamento



O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

(...)

O SR. JOÃO VIANNEY BARROZO COSTA SEVERO - Bom dia a todos.

Deborah Cancellata Pinheiro Celentano é graduada e mestra em ciência política pelo Instituto de Ciência Política – IPOL, da Universidade de Brasília. Possui pós-graduação com especialização profissional em psicologia junguiana pelo Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa – IJEP e integra o nosso Grupo de Pesquisa e Extensão Afetos e Política.

A Deborah vai falar hoje sobre o livro *O Arquétipo da Sombra na Polarização Política Brasileira*, de sua autoria, um livro pequeno, mas muito interessante. Espero que vocês aproveitem.

(...)

A SRA. DEBORAH CANCELLATA PINHEIRO CELENTANO - Olá, pessoal. Bom dia.

É um prazer estar com vocês aqui nesta sexta-feira pela manhã para falar sobre um tema tão interessante, sobre o qual eu me debrucei e do qual eu gosto muito também.

O intuito da apresentação é fazer um sobrevoo desse livro. Não vou entrar nas minúcias dos conceitos para podermos fazer esse sobrevoo e, quem sabe, dialogar ao final, fazer perguntas, comentários, porque eu acho que o intuito aqui é ampliar ainda mais o debate sobre essa questão, que é tão atual e que de alguma forma perpassa, acho, todo mundo que está aqui hoje.

(Segue-se exibição de imagens.)

Então, começo trazendo esta imagem da capa do livro, que mostra bem essa questão da projeção da sombra. Aqui temos um ser de luz que olha para um ser do outro lado, que seria essa sombra, que é um pouco de cada um de nós, quando nos irritamos com alguém que está lá fora. Muitas vezes, nós nos irritamos com alguma coisa que está fora, vemos defeitos nos outros e nos blindamos nesse processo de ver o nosso lado sombrio, o lado que queremos reprimir, porque o ego quer se identificar com a perfeição, com o bem, com a luz, com o lado certo, com o lado justo.

No nosso campo, quando atuamos na micropolítica, nós estamos muito identificados com o lado do bem, e o outro lado é tudo de ruim. Esse maniqueísmo que vai tomando conta de nós, muitas vezes, se amplia para o nível da macropolítica, que é o que vivemos hoje com essa polarização que estamos acompanhando.

Essa polarização começou nas eleições de 2014, que foram as eleições brasileiras mais apertadas, nas urnas, a eleição de que participaram Dilma e Aécio. Na história recente da democracia brasileira, esse foi o pleito mais apertado. E a escalada da

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

polarização vai se dando depois com o processo de impeachment da Dilma. Aí, sim, há essa polarização realmente evidenciada com o muro na Esplanada. Ali vimos os dois lados que não conversam.

Esta imagem é da época das manifestações pró e contra o *impeachment*. Nós sabemos que essa polarização foi para o processo da campanha de 2018 e segue existindo até agora.

O propósito do livro é olhar para a polarização política através da psicologia junguiana. Como a psicologia junguiana pode nos ajudar a entender melhor esses processos políticos?

A ideia é que, quando entendemos mais e conseguimos aplicar a psicologia junguiana, isso amplia a nossa consciência diante do processo e nos empodera enquanto cidadãos, porque saímos da leitura rasa, infantil, dos desenhos animados, de mocinhos versus bandidos, em que cada um dos lados se identifica com os mocinhos e projeta o mal. Na minha época, eram os Ursinhos Carinhosos versus o Coração Gelado. E assim nós seguimos. Mas não poderíamos seguir adultos nesse mesmo contexto de análise. Então, a ideia é trazer elementos para tornar nossa análise mais robusta, mais adulta, mais madura. E para isso há a busca aí de uma ampliação de consciência, o que eu chamo no livro de pensamento caleidoscópico.

Quando eu giro um pouquinho um caleidoscópio, muda toda a imagem. Assim eu saio dessa polarização luz versus sombra. Com um pequeno giro, surgem novos elementos e um novo diálogo. Se abrir para o diálogo pode permitir mudanças de imagens e uma consideração mais concreta da realidade. Então, há esse propósito de nos empoderar enquanto cidadãos.

O cenário não é polarizado só politicamente. Ele é psiquicamente polarizado. Eu prefiro não ouvir o outro lado, para não questionar as minhas certezas. Eu me fecho nos meus clusters, nos meus grupos, e deleteo as pessoas do Facebook, deixo de ser amiga, saio dos grupos, não encontro mais os familiares que pensam de forma diferente, para eu não sair dessa polarização, para eu nem me balançar um pouco, ver aspectos até humanos, muitas vezes, do outro lado e entendê-los.

O posfácio do livro escrito pelo Waldemar Magaldi, Diretor do IJEP – Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, fala da importância da alteridade, de eu me colocar no lugar do outro. No processo de polarização, eu paro de entrar em contato com o outro totalmente. Então, a alteridade fica totalmente bloqueada. E a única forma que teríamos de girar esse caleidoscópio seria nesse processo de alteridade.

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

Já que eu falei do posfácio, vou falar um pouco do prefácio, que é do Domenico Hur, professor de psicologia social da UFG e uma referência no campo da psicologia política. Ele fala, no prefácio, da democracia e sua sombra. Nesse processo de polarização, é como se estivéssemos vivendo a sombra da democracia, porque a democracia é tudo, menos dois polos que não se comunicam, dois polos incomunicáveis. O propósito da democracia é ter heterogeneidade, diferença, diálogo, uma representação plural, e não dois polos que se fecham e não se comunicam.

Essa perda de diálogo faz com que a pessoa vá tirando os pés na realidade também, porque ela se fecha. Se há alguma notícia que pode provocar alguma dúvida em relação ao seu lado, ela já nega de cara. Muita gente prefere acreditar nas fake news do que averiguar um pouquinho mais. Essa gente já declara que o seu lado é o correto e bate nisso até o fim, sem se questionar nem se abrir para dúvidas. De outro lado, esse não diálogo entre as partes, de um ponto de vista mais amplo, gera ingovernabilidade no País: nós temos um Governo muito polarizado com relação a outros grupos políticos – às vezes, o Executivo cria uma polarização dentro do próprio partido, o que gera o não diálogo. Uma democracia sem diálogo se torna ingovernável. É essencial diálogo entre os Poderes e diálogo intrapartidário.

Falo agora do sobrevoos no livro. No capítulo 1, *Complexo, Persona e Sombra*, eu trabalho com os conceitos junguianos, os conceitos-chave, para entendermos a polarização política e o funcionamento do processo psíquico e da ligação entre ele e a polarização. Eu não vou entrar nos conceitos propriamente ditos. Vou passar para o capítulo que fala da velha ética e da nova ética.

Considerando-se a psicologia junguiana, a velha ética é aquela em que eu me identifico totalmente com a luz, com o justo, com o bem, com o cidadão de bem. Isso acontece de tempos em tempos na história. Trata-se de algo arquetípico, que se repete a todo momento. Quando os Estados Unidos falam na luta contra o eixo do mal, política externa que eles tiveram, isso consiste numa forma de se autoidentificar com o bem. Trata-se de uma forma presente de justificar a luta contra o outro: eu desumanizo o outro, jogo todo o mal nele e me autoidentifico com o bem. Esta é a velha ética, que se reveste de vários atores e figuras ao longo da história. Ela também é chamada de “psicologia do bode expiatório”, que consiste em jogar no outro as sombras, os defeitos, o mal, para eu me salvaguardar de entrar em contato com a sombra, de meu lado entrar em contato com seus conteúdos sombrios, que fazem parte de todos nós. Esta é a questão.

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

Já na nova ética, a que também chamamos de “psicologia profunda”, o ser não se compromete em ser perfeito nem em se autoidentificar com a perfeição, com o bem, com a luz. Ele se possibilita um mergulho na sombra, entra em contato com o conteúdo sombrio, reconhece que tem medo, que falha e que sente preguiça. Não existe um outro que é tudo de ruim e eu sou tudo de bom.

Na verdade, estas projeções que, às vezes, ocorrem com o marido e com o filho são porque eu não quero ver em mim aquilo que eu vejo no outro. Assim, eu projeto no outro toda a sombra que eu tenho, e não lido com a minha: eu a nego e a reprimo.

A nova ética consiste em poder ser inteiro. Em vez de buscar ser perfeito, buscase a totalidade e o reconhecimento de conteúdos sombrios e do mal que existe em mim, e não só o mal está lá fora. Desta forma, tratando do mal que existe em mim, eu não crio um superávit de mal na sociedade. A ideia é que todos os que não se veem neste processo estão em diálogo com o que eu trago no livro, mais à frente, com o *homo hostilis*, ser para o qual tudo de ruim está lá fora, e nada está aqui. Eu tenho que apontar sempre para fora. Problemas, problemas e problemas? Lá fora! Isso se torna patológico e tóxico para a sociedade, na medida em que cria guerras e enfrentamentos com o outro e deixa de reconhecer o outro e, muitas vezes, é cruel com outro, para não se ver. Assim, temos estas duas formas de ética. A psicologia junguiana trabalha dentro desta nova ética.

Eu vou dar um exemplo prático, algo imagético, da nova ética. Quando uma pessoa fala: “*Tudo bem que existam homossexuais. Eu só não quero vê-los na minha frente*”, esta é uma forma de querer invisibilizar algo com o qual eu não quero entrar em contato, porque eu não sei lidar ou não quero lidar com aquela questão do ponto de vista interno. Assim, eu preciso invisibilizar, não ver de fora, já que eu não posso tratar disso ou olhar para isso por dentro. Esta é uma forma bem polarizada de lidar com a questão.

Por que involuímos em termos de manifestação política? Neste processo de polarização, é interessante notarmos que o Brasil, em 2013, manifestou-se nas ruas como manifestações do século XXI. Na ciência política, nós temos o livro *Redes de indignação e esperança*, de Manuel Castells, que olha para as várias manifestações que estavam acontecendo no século XXI — a Primavera Árabe, o Ocupe Wall Street, Indignados, na Espanha. Ali, ele observa características em comum entre estas várias manifestações. Quando ele está terminando o livro, em junho de 2013, estouram no Brasil aquelas manifestações que todos nós acompanhamos. Ele escreve um posfácio para falar especificamente sobre o Brasil. Ele diz que também aconteceu no Brasil, com todas as características do século XXI, uma manifestação que tinha várias agendas

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

concomitantes, grupos que discordavam dentro do mesmo ato. Havia agendas muito discrepantes, em que não havia líder, não havia partidos políticos nem bandeiras. Enfim, havia todas as variáveis que ele trouxe, as dimensões que representam as manifestações do século XXI.

Depois, nós voltamos para as manifestações do século XX, o contexto-muro. Lembram a cortina de ferro e a era bipolar? Nós, de alguma forma, involuímos neste sentido como sociedade, como manifestação e como pensamento. Neste contexto, entra a questão do homo hostilis e da simbiose hostil, característica do ser humano de se autoidentificar com a luz, projetar sombras e se tornar hostil com o outro e, muitas vezes, um perigo para as minorias ou para aqueles que não estão do mesmo lado. É interessante que esse homo hostilis vive uma simbiose hostil. Na polarização, os dois polos precisam um do outro para se proteger um do outro, ou seja, de si mesmos. Polariza-se com o outro, e cada um dos lados se acha o certo e o outro, totalmente errado e, desta forma, cada um se protege de entrar em contato com suas próprias sombras, com seus próprios conteúdos. Cada um se blinda neste mundo de que é o “mocinho”, do bem, e o “ursinho carinhoso” do momento. A simbiose hostil mostra que um lado precisa do outro.

O último ponto do capítulo 3 trata de outra característica da cultura brasileira; o de Castells fala do assunto mais recentemente. José Murilo de Carvalho, em seu livro intitulado *Cidadania no Brasil: O Longo Caminho*, de 2001, fala de como foram construídos os direitos trabalhistas no Brasil, do histórico da construção da cidadania. Ele chega a dizer que, no Brasil, nossa construção de cidadania gerou não uma cidadania, mas, sim, uma “estadania”: os cidadãos ficam muito focados no Estado, especificamente no Chefe do Executivo Nacional. Existe uma fixação com o Presidente ou com a Presidente da República.

Para os cidadãos, parece que política brasileira se limita ao Presidente, não tem a ver com as outras esferas do Executivo, não tem a ver com os outros ramos de poder. Não! Tudo é o Presidente! *“Há um problema na minha cidade; a culpa é do Presidente!”* Há um problema qualquer: *“Presidente!”* Ninguém acompanha o que o Governador, o Prefeito, o Poder Legislativo estão fazendo. Chega o dia da eleição, é certeza de que sabe em quem votar para Presidente. *“Mas para quem mesmo eu voto para Deputado Estadual?”* *“O que faz esse pessoal mesmo?”*

Nós estamos na Câmara dos Deputados e sabemos muito bem o quanto isso é importante, como sabemos que o Presidente é só uma peça no tabuleiro. Mudar o

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

Presidente não muda tudo. Nossa cultura política é a da espera de um messias político, um salvador da pátria, alguém que vai resolver todos os problemas do País. José Murilo de Carvalho fala sobre este ponto em sua obra. Desde 2001, esta abordagem tem sido muito considerada no campo da ciência política.

Esta identificação com o Presidente e esta espera por um messias político geram exatamente passividade: o cidadão fica passivo, só espera, não se torna participante da comunidade, da política da cidade ou do bairro. Ele fica apenas esperando esse messias, o que gera também uma infantilização, em que, parece, o cidadão fica à espera de alguém que faça por ele. O fato é que ele nunca é sujeito ou participante deste processo.

No livro, eu comparo esta não participação e esta passividade com o conceito junguiano do puer aeternus. Eu trago o puer político, que é esta criança: parece que o cidadão é uma criança que precisa de um pai, mais recentemente de um pai autoritário, para resolver os problemas políticos. Ele não faz coisa alguma, não participa, não acompanha, não fiscaliza, não denuncia, não cobra, não se mobiliza. Enfim, ele só permanece infantilizado neste processo.

Passando para as considerações finais, eu trago um trecho do livro, sobre o qual, no entanto, não vou dar muitos spoilers, não vou contar tudo nas minúcias, senão vocês não vão querer o livro. Eu estou aqui para oferecer um tira-gosto para vocês quererem ir para o prato principal.

Eu trago um trecho de Keen que fala sobre o *homo hostilis* e a *simbiose hostil*, que é um pouco do que eu sinto que estamos vivendo hoje neste processo de polarização: *A pessoa ou nação paranoica criará um sistema de ilusão compartilhado, uma paranoia à deux – cada polo nessa ilusão compartilhada. O “sistema de inimigo” envolve um processo de dois ou mais inimigos que lançam o seu lixo psicológico (inconsciente) no quintal uns dos outros. Atribuímos a eles tudo aquilo que desprezamos em nós mesmos, e vice-versa. Já que esse processo de projeção inconsciente da sombra é universal, os inimigos “precisam” um do outro para se livrar das toxinas psicológicas acumuladas e reprimidas. Formamos um laço de ódio, uma “simbiose hostil”, um sistema integrado que garante que nenhum de nós será confrontado com a sua própria sombra.*

Eu trago este trechinho para nós conversarmos. Conto com a participação de vocês hoje sobre as questões atuais, perguntas e comentários.

Eu já comentei sobre o prefácio *A democracia e sua sombra*, de Domenico Hur, em que ele amplia ainda mais esta discussão. Acho que dá ainda mais um giro caleidoscópico no livro quando traz esta discussão neste prefácio porque, de fato, nós estamos vivendo

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

à sombra da democracia. O posfácio de Waldemar Magaldi fala muito sobre os afetos, dialoga um pouco com nosso grupo de estudos que trata sobre afetos e política. Ele fala que, nesses momentos de polarização, estamos mais mobilizados pelo afeto do medo, o medo do outro. No fundo, essa polarização é o medo do outro.

Por que eu não posso ver esse outro diferente de mim? Por que eu não posso? Por que eu tenho que descartar o outro? Esses discursos de ódio em relação à pluralidade e à diversidade têm muito a ver com o fato de eu não poder lidar com a pluralidade e a diversidade que existe dentro de mim.

A alteridade seria o próximo passo. O Waldemar fala que isso que estamos vivendo seria o último grito do patriarcado, pelos afetos do medo, e que iríamos caminhar para a alteridade. Quem sabe! É uma leitura otimista nesse cenário.

(...)

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - Obrigado, Deborah.

Agora vamos para a parte da interação, com perguntas e comentários.

(...)

Eu queria só fazer um comentário. Ouvi a exposição da Deborah e li o livro também. Há a ideia de trazer elementos como a sombra, se eu bem entendi o livro — o Vianney pode falar com mais propriedade, porque ele tem formação junguiana. A sombra é um elemento, vamos dizer assim, do inconsciente, estaria no campo do inconsciente. Como um elemento ou uma característica do campo do inconsciente exerce o seu papel na política? Eu achei isso interessante. São elementos como o afeto, o desejo, a libido, enfim, o inconsciente. Normalmente, na ciência política, não estamos acostumados a trabalhar com esses elementos nas tentativas de explicação do comportamento e da ação política.

Então, a ideia de se debruçar sobre esses temas é justamente esta: ver o papel desses elementos na ação política, na formação política, na construção política. Também achei interessante quando ela falou da integração. Eu identifiquei duas integrações aqui. A primeira, negativa, é a simbiose hostil. Você até cita no livro o caso da Guerra Fria: como os dois blocos que se contrapunham viviam um do outro, se alimentavam um do outro? A outra integração é a positiva, que é trazer esses elementos que normalmente estão na zona do inconsciente, que são negados ou reprimidos, para o nível da consciência e fazer essa integração do ego com aquilo que é sombrio, da sombra, para que tenhamos uma personalidade total, como você fala no livro, madura, que enfrente a realidade.

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

Eu achei isso bem interessante e queria só fazer esses dois comentários.

Passo a palavra para o Vianney.

O SR. JOÃO VIANNEY BARROZO COSTA SEVERO - Vamos abrir a palavra para uma pergunta primeiro, porque ela já está ali aguardando.

(Não identificado) - Bom dia.

Você falou que começamos com uma manifestação do século XXI, em 2013, e, de repente, mudamos, em pouco tempo, para uma involução.

Eu queria saber por que houve essa involução. Em 2 anos, 3 anos, as manifestações saíram de uma coisa apartidária e sem bandeira para aquela coisa totalmente dualista que vimos depois.

A SRA. DEBORAH CANCELLA PINHEIRO CELENTANO - Eu vou comentar, mas realmente não sei o que aconteceu. (Risos.)

Por que estava de um jeito e caminhou para outro jeito? É uma pergunta sobre a qual realmente eu estou refletindo. Acho que eu não sei mesmo o que aconteceu.

O SR. JOÃO VIANNEY BARROZO COSTA SEVERO - Eu tenho um comentário a fazer sobre isso.

Eu também não sei a resposta, mas vejo o seguinte: eu me considero brasileiro desde que nasci, e o Brasil é um país que, apesar do famoso complexo de vira-lata, sempre negou racismo, machismo, homofobia, embora isso existisse muito arraigado na nossa cultura.

Então, no momento em que surge algo positivo, como aquele movimento em 2013, a sombra também surge. A nossa sombra é tudo aquilo que nós negamos. Por exemplo, sempre há quem diga: *“Racismo no Brasil? Não, racismo não existe no Brasil”*. De repente, você se pega numa situação em que está sendo racista — não sendo na prática, mas tendo o sentimento. Aquilo vem, e você de imediato nega. Isso uma hora vai surgir.

É justamente o que eu penso que está acontecendo. Surgiu algo que é um movimento mundial, ou seja, há toda essa questão da integração. A visão da alteridade está surgindo no mundo, em vários locais, e surgiu aqui também — acho que por uma influência global. Porém, nós não fizemos o dever de casa, não vimos a questão da nossa sombra, que agora está surgindo.

A tônica dessa sombra é muito relacionada aos preconceitos arraigados na nossa cultura, que nós sempre negamos. Isso está surgindo agora.

Talvez o Magaldi esteja certo. Estamos fazendo uma limpeza para que possamos passar ao que está surgindo no mundo de positivo. Acredito nisso também. Espero, mas

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

não sei. (Risos.)

(Não identificado) - Bom dia.

Eu queria parabenizar a apresentadora Deborah. Achei muito interessante.

Tenho duas perguntas: uma é meio chata e a outra talvez desperte algum interesse.

A primeira, a chata, é metodológica. Se entendi — eu não entendo do assunto —, quando você fala de sombra, dos conceitos todos, a psicologia está olhando o indivíduo. A minha pergunta metodológica é: como isso extrapola para grupos?

Acho que esse é um pulo do gato importante em termos de reflexão, porque basta abrir o jornal ou até andar aqui pela Câmara para ver que há alguns comportamentos psicológicos tão extremos que até um leigo consegue perceber que há algo estranho ali.

A minha pergunta é: como isso extrapola para um grupo e ganha ação deliberada, organizada? Refiro-me a essa questão científica. Como abordarmos isso?

O ponto mais prático que eu queria perguntar é: como é que se desarma essa bomba? Hoje em dia, temos lido e visto que as redes sociais foram ótimas para impulsionar esse tipo de afastamento, de diferenciação, com todos esses efeitos nefastos que você colocou. Imagino que todos nós aqui já vivemos isso em família, em amizades, e tudo mais.

A minha pergunta é: existe algum mecanismo de massa que também ajude a desarmar essa bomba?

Eu entendo que, individualmente, você pode abraçar o maluco do outro lado e falar: “**Eu também sou maluco, igual a você**”. Aí, nós dois melhoramos.

Como existem mecanismos de massa que estão aguçando a diferença, existe algum que trabalhe para diminuí-la? Alguns coletivos da nossa sociedade estão entrando numa dinâmica semelhante. Movimentos religiosos estão se cercando para dizer cada vez mais: “*Quem está aqui é bonito. Quem está lá fora...*

Faça o que você quiser com eles”. São coletivos que estão complicados. Partidos estão fazendo isso.

Obrigado.

A SRA. DEBORAH CANCELLA PINHEIRO CELENTANO - Obrigada pelo elogio, por ter achado interessante a apresentação.

Quanto ao primeiro ponto, sobre a questão metodológica, dentro da própria psicologia junguiana, nós temos estudos que fazem essa ampliação. Se vários indivíduos vão se polarizando, a polarização vai acontecendo no nível social, e uma retroalimenta a

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

outra. As ciências sociais também trazem isso. As questões sociais e individuais não estão desconectadas. A micro e a macropolítica se retroalimentam.

Então, se há indivíduos que querem se identificar com a luz e tudo mais, se isso ocorre numa escala grande, se a política começa a se polarizar, com uma eleição muito próxima e, depois, com um processo de impedimento, parece que as coisas vão se retroalimentando e essa escalada de polarização vai acontecendo.

Como você falou, as mídias favorecem isso, porque você começa a ficar naquela bolha e só ouvir o que você quer ouvir. Ao ouvir só o que você quer ouvir do seu lado, há um poder tecnológico para as fakes news, que mobilizam os afetos individuais. Então, perto das eleições, acho que cada um ouviu cada coisa e pensou: *“Meu Deus! Como é que pode isso estar sendo tomado como verdade?”*

Esse processo de simbiose hostil, na verdade, é algo que está intrínseco na sociedade. Ele reaparece de tempos em tempos, como na Guerra Fria — o Maurício lembrou esse trecho do livro. Por quê? É mais fácil assim. É mais fácil pensar na lógica de amigos e inimigos e projetar o inimigo lá fora. É mais fácil tirar de dentro do nosso País a sombra: *“Nós somos o bem e vamos lutar contra o mal. Vamos fazer a guerra santa ou a luta contra o eixo do mal. Somos cidadãos de bem e vamos usar arminhas contra o mal”*. Isso reaparece. Isso se atualiza. O arquétipo é algo que se atualiza no mundo inteiro em todos os tempos, é um processo pessoal e coletivo que não se dissocia.

Quanto à questão individual: como desarmar essa bomba? É se abrindo para esse giro. O ego precisa sair da defensiva e poder se ver mais profundamente. A terapia ajuda — terapia em massa. Não há ainda uma política pública pra isso, mas um comprometimento pessoal já inspira outros, por meio de uma pequena provocação aqui, outra ali, um livro, uma conversa, um momento como este, enfim, isso amplia a consciência. É preciso deixar ampliar a consciência para entrar o inconsciente, para poder ver o inconsciente e não ficar tanto projetando contra os outros, nessa guerra contra o diferente, contra aspectos que o ego não deixa ver.

Como desarmar essa bomba? É uma pergunta que temos que nos fazer para que cada um possa trazer, talvez, propostas de solução, porque não é fácil. O contexto está bem blindado nesse sentido.

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - Eu gostaria de complementar, porque realmente é uma situação que nos deixa meio perplexos e impotentes. E digo isso porque, quando você fala em escala, coletividade, o jogo está muito desfavorável. Nos processos de grande escala, você vai falar de mídia. Aí olhamos a concentração dos

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

meios de comunicação no Brasil, por exemplo, o que nos deixa mais apavorados ainda. Se falarmos do sistema de educação formal, também será preocupante, em razão de algumas iniciativas mais recentes para reformular, por assim dizer, o que se entende por educação e por objetivo desse sistema. Quando se fala em geopolítica isso também ocorre.

Então, para esses processos de grande escala, eu não vejo muita saída, não tenho muita esperança.

Portanto, quando falamos em inconsciente, afetos, subjetivação e produção de sujeitos, necessariamente saímos um pouco dessa grande escala. Estamos falando de formação tête-à-tête, de diálogo com o nosso par, com o nosso parente, com os nossos vizinhos.

Então, não sei também como avançar para desarmar essa bomba, que não está só no Brasil. Na verdade, boa parte do planeta está passando por isso. São movimentos muito semelhantes lá fora e no Brasil.

Então, realmente, não tenho uma resposta.

O SR. JOÃO VIANNEY BARROZO COSTA SEVERO - Tenho um comentário a fazer também sobre a sua primeira questão, metodológica. Jung, quando fala de inconsciente, refere-se bem especificamente ao inconsciente pessoal, mas ele desce até o nível do inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo, para Jung, é aquilo que une toda a humanidade, todo ser humano. E, do individual até o coletivo, há gradações de inconsciente. Você tem o inconsciente familiar, você tem o inconsciente grupal, você tem o inconsciente profissional, do seu grupo profissional. Enfim, há um inconsciente em todos os níveis até chegar ao da cidade, do Estado, do País. Há níveis de inconsciente que são compartilhados, o que nos leva a ver que determinadas coisas do coletivo se propagam para o individual e vice-versa.

Isso me dá uma ideia de que, talvez, a saída para desarmar a bomba — e não estou certo disso — seria o trabalho individual e no grupo mais imediato. Como exemplo, refiro-me a esta própria palestra. Se ela for capaz de conscientizar as pessoas sobre essa questão da sombra, de que é interessante e importante eu integrar essa sombra, ou seja, se meus conteúdos, que a princípio são negativos ou vistos como negativos, estão reprimidos, e eu possa trazer esses conteúdos à tona, abraçá-los e assumir a responsabilidade por eles, começa por aí.

Isso me dá uma ideia de que, talvez, a saída para desarmar a bomba — e não estou certo disso — seria o trabalho individual e no grupo mais imediato. Como exemplo,

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

refiro-me a esta própria palestra. Se ela for capaz de conscientizar as pessoas sobre essa questão da sombra, de que é interessante e importante eu integrar essa sombra, ou seja, se meus conteúdos, que a princípio são negativos ou vistos como negativos, estão reprimidos, e eu possa trazer esses conteúdos à tona, abraçá-los e assumir a responsabilidade por eles, comece por aí.

O trabalho é individual, seja como for. Muita gente busca, vamos dizer assim, uma religiosidade, mas que não seja uma religião constituída, porque se vai para o lado da polarização, como você mesmo falou. Mas deve ser uma questão de religiosidade, de espiritualidade, ou um trabalho psicológico mesmo. Muita gente faz terapia buscando respostas. Seria eu poder atuar no meu grupo imediato, eu ter grupos de ação que compartilhem dessa ideia.

Esse seria um começo. Realmente, se começarmos a tentar atuar no macro vamos encontrar impotência. É muito difícil. É por isso que ficamos procurando respostas e não as achamos. Acho que a resposta está em nós mesmos, essa possibilidade.

A SRA. CAROLINE DANTAS COELHO - Bom dia a todas e a todos.

Eu achei muito interessante a menção ao Jung, que fala do inconsciente coletivo, e trazer para a parte da ciência política isto: *“Espere aí. Como isso afeta a pólis, o coletivo? Como isso está nos afetando?”* Eu concordo tanto com o Ricardo quanto com vocês quando falam da dificuldade da nossa impotência, como grupo, e também de algo que formou o Brasil.

Eu sou cientista política e socióloga. Eu me lembrei de um sociólogo alemão chamado Norbert Elias, autor do livro *O Processo Civilizador*. Esse não é o civilizado do bonitinho e educado. Mas quais são as crenças e valores que nos formam? O que vem de relações de poder ou de não poder? Alguns estudiosos de grupos falam sobre o poder da fala ou da dor silenciada, que é o da não fala ou da não escolha. Ele fala muito de crenças e valores coletivos.

No Brasil, infelizmente, permanecem valores excludentes e autoritários – racismo, machismo e o que eu chamo de pobrismo. É o seguinte: queremos o pobre para fazer a nossa caridade, para receber a nossa roupa e o brinquedo que não estamos mais usando, mas eu não quero que ele vá ao aeroporto igual a mim, não. Eu não quero que ele fique em palestra do CEFOR, não. Eu não quero que ele vá a uma universidade pública, uma universidade federal, não. Eu não gosto da escola pública, mas eu não o quero na universidade federal. Muitas vezes as classes médias têm isso. Isso talvez seja o mais difícil.

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

A pergunta talvez sem resposta seria, por exemplo... É muito comum, nesses grupos de polarização, serem atacados não apenas afetos, mas a nossa própria essência – essência de direito de falar, até em relação aos nossos direitos. “Você não vai se aposentar? *Tudo bem. Você paga para se aposentar.*” Transformam o meu direito em um serviço que eu tenho que pagar. “*Você não conseguiu pagar? Problema seu.*” Talvez isso nos desmoralize.

É por isso que eu pergunto: como fazemos? Por exemplo, na divisão sexual do trabalho, que está dentro do que você falou – a morte do patriarcado –, cada vez mais estamos vendo medidas, inclusive nas relações sociais de trabalho, que acabam fortalecendo a desigualdade. Para quem não sabe, isso diz respeito à divisão dos papéis, aos afazeres domésticos, aos cuidados com a prole ou com os idosos, que sobrecarregam. Essa é a função naturalizada. E isso está dentro da política também. Como pensamos isso? Eu não sei se ficou clara a pergunta.

Agora estamos lidando com essa sombra coletiva que nós temos, que é a permanência de crenças e valores autoritários e excludentes. Como fazer para contrapor esse discurso tão forte de polarização, pelo menos nos nossos círculos mais próximos, e não apenas nos círculos familiares, mas nos círculos de trabalho também?

Aí eu me remeto à questão da divisão sexual do trabalho, que tem tudo a ver com o patriarcado, que é o seguinte: “*O homem pode trabalhar 14 horas de boa, mas ele não precisa levar o filho para a consulta, não precisa cuidar do idoso que está ali*”. Essa é uma tarefa clássica da mulher e sobrecarrega, inclusive, famílias que não têm a configuração de casal hétero.

Eu não sei se você poderia comentar sobre isso também.

A SRA. DEBORAH CANCELLA PINHEIRO CELENTANO - Excelente pergunta. Muito boa mesmo.

Como lidar com isso? Você falou que há o autoritarismo, o machismo. Como lidar com isso que se constelou numa via de fato? É olhar também que isso perpassa cada um de nós.

Num grupo que temos, às vezes – vou contar agora –, chamamos esse autoritarismo, esse machismo, de “tioção do pavê”. Uma colega que não está aqui fala isso. O “tioção do pavê” perpassa cada um de nós. Até nós mulheres temos falas dentro de nós mesmas que são abolicionistas e não emancipatórias. Nesse sentido, temos que lidar com isso. Se eu lido com isso dentro de mim, com o “tioção do pavê” interno, eu consigo ver o “tioção do pavê” externo, olhar para ele e dizer: “*Poxa, ele vive numa*

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

sociedade que construiu muito esse discurso dele. Ele está imerso nisso”. E isso gera dores para ele também, porque ele não pode assumir que sofre, que tem vulnerabilidades, que tem vontades etc. O machismo faz sofrer as mulheres, mas também faz sofrer os homens.

Não sei se vocês assistiram ao documentário O Silêncio dos Homens, que saiu recentemente. Esse é o processo de alteridade, é ver no outro que muito daquele posicionamento dele envolve muita dor também e gera toxicidade para o mundo social, que é quando alguém atira em um homossexual. Esse é o ápice. Há pessoas que fazem isto: matam, porque não conseguem lidar com aquilo. Precisam matar porque o incômodo é enorme, mobiliza tanto!

Então, eu acho que esse é um processo pessoal constante. Não é fácil. Todo mundo tem as suas limitações em ouvir certos discursos, certas falas, porque são agressivas. Cada um também tem seu limite de promover giros caleidoscópicos. Às vezes, é melhor se retirar de algumas situações, de alguns grupos, realmente, porque também precisamos viver num ambiente saudável. Há situações que são muito patológicas. Então, é importante também reconhecer o nosso limite nesse processo social e pessoal.

Sobre o livro do Norbert Elias que você mencionou, eu não o conheço, mas parece interessante. Eu lembrei de outro livro dele que eu li e que faz total sentido com tudo isso que você está falando do pobrismo, do medo do outro: Os Estabelecidos e os Outsiders. É um livro em que ele fala que é natural as sociedades estigmatizarem o outro grupo, você viver em um grupo e estigmatizar o outro grupo. Ele faz estudos de cidades. Ele fala de uma cidade com um nome fictício onde chegam pessoas novas a uma vizinhança nova e como quem estava ali antes projeta neles tudo de ruim. “Eles são desregrados, eles não merecem cargo na nossa prefeitura.” É a ameaça, o ressentimento do novo, do diferente, do diverso, que vai me fazer sair da minha zona de conforto, da minha cidade, dos meus valores retrôs. Vem o novo, e os meus valores se tornam retrô. Então é isso, acho que há muito ressentimento, como você falou, dadas as mudanças recentes que ocorreram no País também. Ela falou de 2013 e 2015. O que aconteceu? Muito ressentimento com as agendas, as mudanças, o empoderamento de classes sociais, a ascensão da classe C, a entrada dos pobres nas universidades, a cota racial. Então, há muito medo de se sair do status quo anterior, da zona de conforto. Acho que vivemos isso e é um dado da realidade.

O SR. IDO LUIZ MICHELS - Meu nome é Ido.

Quero parabenizá-los pelo debate nestes tempos e quero fazer uma provocação em outra direção.

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

Existe um livro intitulado *La democracia sentimental: política e emociones en el siglo XXI*, de Manuel Maldonado, autor espanhol. Não foi traduzido, há poucos exemplares, eu consegui um que veio da Espanha para cá. O livro trata desse tema. Eu li umas entrevistas do autor, há uns vídeos dele no Youtube, e o livro trata exatamente do tema que é objeto desta fala, inclusive é o que me trouxe aqui. Eu acompanho o tema há um certo tempo. Eu gostaria de fazer inicialmente a seguinte provocação: em que medida vocês estão dizendo que é uma anomalia? Eu acho que é a regra geral. Se pegarmos todos os jornais do País, veremos que todos dizem que temos que ir para o centro na eleição. O RenovaBR, o Movimento Acredito, etc., todos pregam isto: ir para os extremos é um equívoco. E aí trago um pouco da sua fala — eu transito pela psicanálise e por essa coisa toda, mas não domino os conceitos com tanta propriedade: em que medida isso não é muito mais um sintoma benéfico de uma sociedade que se expressa do que propriamente uma anomalia, porque esses atores não se expressavam, não punham para fora o preconceito, não punham para fora o que você acabou de dizer, eram todos castrados, existia uma mídia oficial, etc.? Entendo que, em boa medida, isso possa manifestar que uma sociedade nova está surgindo, com todas essas coisas graves, como o não estabelecimento de diálogos, essas coisas todas que vocês já apontaram muito bem.

Acho que esse é um aspecto.

Um outro aspecto me chamou a atenção na sua fala, Deborah. Vocês têm uma visão muito idealizada da política. Eu acho que a política não é exatamente o que vocês estão dizendo. Eu vou dar um exemplo, agora me reportando ao primeiro dado. As eleições foram polarizadas no Brasil somente em 1989 e em 2018. Em 2014 houve disputa, com diferença pequena etc. A polarização é deste ano, se nós formos olhar. Todos os atores políticos aqui da Câmara achavam que o Bolsonaro era o último personagem que poderia ganhar uma eleição no País. Apostavam que o Maia, Presidente da Casa, iria pelo Centrão, que o Alckmin era o cara do Centro, já que não poderia ser Haddad, Lula, Ciro, etc. e tal. Depois, o Bolsonaro ganhou. A polarização como expressão política recorrente acontece a partir desse ano propriamente dito. Ela não está presente em 2013. Em 2013 está o que o Castells fala, que não existe líder, que não há satisfação, etc., coisa as eleições no mundo, todas elas, sem exceção — o Brexit, na Inglaterra, as eleições nos Estados Unidos —, são polarizadas, não há espaço para o centro que remonta aos movimentos a que vocês se reportaram muito bem e ao que o Maldonado já coloca: O Chile era uma sociedade interessante, psicanaliticamente falando, porque de repente veio à tona. Nem vou falar das eleições na Argentina, na Bolívia, mas o Chile se

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

pensava estar sob controle.

Eu entendo que essas expressões talvez possam apontar um sintoma novo que está surgindo na sociedade, e com o qual é difícil lidar, pelo que vocês colocaram e com o que eu concordo plenamente, mais do que essa visão idealizada ainda da política clássica grega, que não é a política dos tempos modernos ou contemporâneos.

Vou dar um exemplo, para finalizar. O Brasil sempre foi um país em que se viu a inclusão por Getúlio. Consideremos os três grandes Presidentes recentes do Brasil, no meu juízo: Getúlio, por tudo o que representou, o Pai dos Pobres; Fernando Henrique, pela estabilidade econômica; e Lula, pela inclusão social, simplificando um pouco as coisas. O cidadão se vê ali como um ator importante e não posso dizer que essa forma paternalista de política... É uma relação paternal, pois o cidadão se vê identificado com aquele que o tirou daquela condição. O Estado brasileiro sempre foi um grande ator, diferentemente de outros países em que o Estado é um ator importante, mas há o mercado, as grandes empresas, a cidadania...

Então, eu entendo que essas manifestações são também sintomas de uma sociedade em movimento. As mídias permitem nova forma de falar, enfim, todas essas coisas.

Parabéns pela oportunidade de dialogar!

A SRA. DEBORAH CANCELLA PINHEIRO CELENTANO - Eu acho que não houve uma pergunta na sua fala, fiquei com a impressão de que houve mais uma provocação com relação à questão da política.

Essa abordagem do José Murilo de Carvalho é de 2001 e retoma justamente o Getúlio Vargas. Você mencionou que foi ele quem deu os direitos trabalhistas no colo, não foi uma luta bottom-up, de baixo para cima, foi mais uma coisa top-down do Estado, e isso gerou uma cultura ruim no sentido de que o cidadão fica esperando cair no colo: eu não tenho que fazer nada, não tenho que reivindicar, nem mesmo me interessar muito por política, afinal de contas, vai vir um Getúlio Vargas ou um messias político qualquer, com asinhas nas costas, e vai resolver os meus problemas.

E, gente, não é assim. O Estado não funciona assim. Um presidente não tem o poder de mudar a realidade do País, ele é só um ator em uma esfera de poder. Existem todas as outras esferas de poder e os níveis intra e intergovernamentais para a gente olhar. Então é um pouco isto: há um olhar equivocado para a própria política, um olhar infantilizado, passivo, sem a real consciência do que se passa no Estado brasileiro. O Presidente da República não tem o poder de mudar tudo, de fazer uma coisa muito

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

mais ampla. O arranjo institucional, o desenho institucional é muito mais complexo e muita gente o desconhece. A maioria o desconhece, e não há interesse, no processo educacional, de formar cidadãos conscientes do arranjo institucional, porque eles se tornarão de fato mais ativos para ler, para entender o que está se passando e o que está sendo feito. Então, eu acho que existe uma má vontade mesmo do Estado em tocar esse cidadão para tirá-lo desse lugar de passividade, mas essa é uma discussão bem ampla.

Quanto à leitura ingênua da política, eu não consegui alcançar...

(...)

O SR. IDO LUIZ MICHELS - Nós não conseguimos reproduzir a leitura ingênua da política por qual razão?

Se a cidadão vir Getúlio, citando um exemplo, Fernando Henrique e Lula como os atores que nos facultaram certas coisas, não é porque essa política idealizada, como você acabou de dizer, exista. O que existe é a política real, que fez com que esses atores fizessem com que o cidadão enxergasse neles os atores que melhoraram suas vidas. Isso é fato concreto. Se tomarmos alguém que viveu na época de Getúlio, ele vai dizer que Getúlio mudou a sua vida. Se tomarmos, ao contrário, alguém que viveu na época da estabilidade econômica de Fernando Henrique, como nós vivemos, pelas nossas economias, vamos dizer que ele mudou nossas vidas. E eu posso reportar que isso não é essa política idealizada da participação do cidadão, que sai de casa, que vai se educar, ou então que vai para o divã coletivo onde, fazendo uma ironia com o que vocês sugeriram, ele pode ser um ator mais presente na vida política do País. Foi a história do Brasil, aproveitando o que (ininteligível) falou, que nos permitiu chegar a isso.

A SRA. DEBORAH CANCELLA PINHEIRO CELENTANO - Isso que você está dizendo é justamente reproduzir que é o Presidente que muda tudo, essa é a fala que reproduz a cultura política, a de que pode vir alguém que vai fazer a representação dos cidadãos de bem, vai fazer a luta contra o mal e vai resolver os problemas. É justamente essa leitura que não quer enxergar todo o resto. Quem é o Presidente no tabuleiro? É uma questão de abordagem: você pode achar que, de fato, o Presidente tem o poder de mudar tudo.

O SR. IDO LUIZ MICHELS - Eu não acho isso. A sociedade acha.

A SRA. DEBORAH CANCELLA PINHEIRO CELENTANO - É o que diz o José Murilo de Carvalho, que aqui não tem cidadania, que tem a “estadania”, tem a passividade, tem a identificação com esse pai. Mas cada um deve questionar-se se

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

o Presidente pode mudar tudo. Estamos vendo que já se passaram muitos meses de mandato, e o que o Presidente consegue fazer se ele está amarrado... O que o Presidente pode fazer se ele não tem o apoio do Congresso? Nós vivemos num presidencialismo de coalização. O que o Presidente pode fazer para mudar a vida do cidadão sozinho? Sozinho ele não pode fazer nada. Temos visto isso.

A SRA. SANDRA AMARAL DE SOUSA - Bom dia, meu nome é Sandra.

Eu acho muito interessante esse debate sobre as sombras: conhece-te a ti mesmo. Eu acho que essa é uma questão que passa por uma sociedade mediada e midiaticizada e também por uma política em que, mais do que nunca — as eleições de 2018 nos mostrou que estamos bem com as mídias sociais —, a Internet tem um peso grande.

A minha pergunta é a seguinte. Hoje, existem algoritmos que nos conhecem mais do que nós mesmos, conhecem inclusive mais as nossas sombras do que nós mesmos as conhecemos. Em que medida esses algoritmos, a máquina e sua mediação toda que é feita do debate político, desde as conversas sociológicas sobre preconceito, racismo, machismo, até o papel do cidadão de estar ou não quieto, esperando que o Estado lhe dê tudo na mão... Existe uma máquina que faz tudo isso e entrega para você um pacote que você vai achar que é o melhor para sua vida, e, a partir disso, você vai exercer um papel nas urnas ou nas ruas.

Então, eu queria saber como é que tratamos a sombra quando essa sombra, ou seja, a nossa sombra, a sombra coletiva, é trabalhada por uma máquina?

Bom dia.

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - Eu acho que não tenho uma resposta boa para essa pergunta, não. Depois o Vianney talvez possa falar sobre isso, porque ele é psicólogo. Você tocou na questão de uma governança, de uma gestão ou de um governo de pessoas através de algoritmos. Nós até temos um especialista aqui, o Luis, que conhece muito dessa parte e que, se quiser, depois pode fazer algum comentário.

Mas uma coisa que estamos estudando no grupo são os populismos autoritários, e há uma dimensão desses populismos autoritários que é justamente a dimensão digital, vamos dizer assim. Como é que esses populismos autoritários se valeram e se valem de uma sociedade mediada por algoritmos? Então, estamos estudando um pouco de capitalismo de vigilância. Não sei se vocês já ouviram, já estudaram ou já leram sobre isso.

(...)

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - Eu recomendo um livro da

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

Shoshana Zuboff muito interessante, chamado *A Era do Capitalismo de Vigilância*. Você pode até procurar falas dela no Youtube — há palestras dela lá —, se não quiser comprar ou acessar o livro. É desesperador: basicamente, nossa vida cotidiana deixa rastros no mundo digital, e esses rastros viram um grande Big Data, do qual se deriva outro banco de dados, de comportamento, de previsão de comportamento, que, nas várias indústrias da propaganda, de seguros, vira também um insumo para a venda de coisas, para a indução de comportamentos.

No campo da democracia também as últimas experiências nos Estados Unidos, na Europa e aqui no Brasil já mostram o potencial negativo de uma forma de vida mediada por essa parafernália digital que toma conta do nosso cotidiano, monetiza isso e transforma em banco de dados de previsão de comportamento e de indução de comportamento.

Então, de fato, essa sombra mediada por um capitalismo de vigilância é... Se a sombra já é difícil de lidar sem essa mediação, eu não sei agora como é que vamos lidar com isso.

O SR. JOÃO VIANNEY BARROZO COSTA SEVERO - O interessante, na minha opinião, é que você deu a resposta quando você começou a pergunta. O problema de o algoritmo conhecer mais de mim do que eu mesmo não é que o algoritmo me conhece de mais; é que eu me conheço de menos. “*Conhece-te a ti mesmo*” — sempre começamos com uma fala desse jeito. É justamente isto: quanto mais eu conheço de mim, menos eu sou capturado por esses algoritmos. Esta é uma saída que eu acho ser uma saída pessoal, individual. Não é uma resposta coletiva, infelizmente. Mas, pessoalmente, eu acho que, quanto mais você conhece de si mesmo, mais difícil é você cair nessa armadilha montada pelos algoritmos. Então, o que eu digo é: não é que o algoritmo conheça de mais; eu é que conheço de menos. Esse é o problema.

O SR. LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA SOEIRO - Meu nome é Luis Fernando. Queria fazer um comentário rápido sobre 2013, mas vou deixar para depois, porque essa pergunta aí é bem interessante. É uma área com que me preocupo bastante.

Existe um ditado hoje que diz o seguinte: tínhamos uma Internet em 1990, mas hoje não temos mais Internet, temos cinco empresas grandes em que os usuários postam *screenshots* das outras empresas — eles entram no Facebook, colocam lá uma captura de tela do WhatsApp e vice-versa. Essa é uma brincadeira que fizeram para mostrar como houve uma concentração do monopólio. Muita gente está debatendo como os Estados podem regulamentar e quebrar monopólios, mas essa é uma discussão muito complexa, e

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

também é muito difícil chegar lá.

Eu estou cada vez mais convencido de que o problema é mais embaixo. Como o Vianney falou, o problema é o seguinte. Quem tem criança sabe que uma das primeiras coisas que se ensina a ela, pegando em sua mão, é como atravessar a rua: “Quando você vai atravessar a rua, você olha para um lado e para o outro para ver se não vem carro; se houver um sinal, você olha para ver se o carro está vindo”. Os pais têm essa preocupação. Só que os pais não têm uma cultura de ensinar as crianças a usar as fontes de informação. Pelo contrário, é uma coisa dada. Está aí a rede social. Então, deixamos que as pessoas automaticamente interpretem aquilo do jeito que elas quiserem. Não há uma orientação.

O nosso sistema educacional passa ao largo de tudo isso. O nosso sistema educacional atual, que foi planejado no final do século XIX, para a produção industrial, já deveria ter sido ajustado e melhorado antes de a Internet aparecer. E a Internet é uma ruptura gigantesca. Não há mais uma necessidade de se dar conteúdo tanto quanto uma necessidade de treinar as pessoas para que saibam buscar conteúdo e diferenciar, contrastar, etc.

Mas, voltando ao ponto, como podemos desarmar essa bomba? Dentro dessa micropolítica, há os afetos. Há as sombras, mas há outras coisas que não são sombras, são os mecanismos, os gatilhos que nos fazem reagir a estímulos externos e, de repente, tomar determinadas ações. E o que os algoritmos dessas grandes empresas fazem? Eles são treinados com uma única finalidade. A finalidade de uma empresa, hoje, em nosso sistema atual, é gerar o maior lucro possível. Então, você tem condições hoje, em computação, de programar o algoritmo: “Você pode fazer o que você quiser com essa rede, desde que você me gere mais lucro”. E os algoritmos estão descobrindo que, quanto mais extremismo ou mais loucura são postados, mais tempo as pessoas ficam acessando e mais propagandas elas veem, o que acaba gerando mais lucro. Automaticamente, os algoritmos ficam testando formas novas de fazer os usuários ficarem mais ligados naquilo que é postado.

Mas talvez a solução para isso não seja nem uma intervenção puramente estatal nas empresas. Talvez o Estado pudesse agir mais na parte educacional. Mas eu estou cada vez mais convencido de que o que o Vianney está falando realmente está certo: se você começa a conhecer as suas próprias sombras ou a saber quais são esses afetos, talvez seja um pouco mais difícil para o algoritmo acionar os gatilhos dos seus afetos para fazer você se comportar de tal e tal maneira, porque você tem mais conhecimento sobre você.

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

Ao mesmo tempo, nós temos que criar uma cultura de que isso aí tem que fazer parte da educação. Eu deveria sentar com os meus filhos e lhes dizer: “A Internet está aí, e vocês vão ver notícias de todos os tipos. Como é que a gente faz para saber se uma notícia é verdade? A gente compara os textos? Mas vamos sentar e conversar sobre aquilo que nós consideramos sombras”. Não sei nem que idade é a ideal para se falar sobre isso! Mas temos que conhecer realmente o que age como um disparo para nós, o que mexe conosco, para podermos identificar o que aquele rastro digital está causando que faz com que nos movimentemos.

Ao mesmo tempo, precisamos tentar ver esse lado da autoridade. Por exemplo, se o seu filho de 5 anos chegou hoje bravo porque um amiguinho falou alguma coisa que ele não queria ouvir, talvez esta seja uma oportunidade para você tentar se aprofundar e descobrir o que você está projetando nele, não dessa forma, mas tentando conversar. Mas eu não sei como fazer isso também. Eu só tenho um palpite: a única forma de a pessoa sair um pouco desse controle cibernético é conhecer mais e transformar isso em educação, para ela ser um cidadão, não apenas um obedecedor de regras.

Podemos, quem sabe, aproveitar para fazer isso agora. Já temos uma educação defasada, que já estava defasada em 1980, quando a Internet surgiu e virou tudo de cabeça para baixo. O que eu quero dizer com isso? Antigamente, a única fonte de informação que você tinha, se você fosse, por exemplo, um estudante numa cidade pequena do interior, era o livro base fornecido pela escola. Aquele conteúdo era o mais importante de que você dispunha. De repente, em pouco tempo, chegamos a um ponto em que a importância do conteúdo é quase nula. É mais importante você aprender a achar e interpretar o conteúdo, a confrontar conteúdos um pouco distintos, para tentar descobrir o que forma a base do seu conhecimento, do que o conteúdo em si, individual.

E nós continuamos com a educação presa lá atrás. Talvez este seja um tema que deveria entrar na nova educação: aprender a lidar com as sombras, entender o que nos controla, quais são os gatilhos, os afetos que nos fazem trabalhar.

Mas o Estado tem o seu papel, é claro, e nós temos que exigir, talvez, que se fomente a competição. Para isso é necessário um estudo complexo. Muita gente está quebrando a cabeça com isso. Mas um bom princípio pode ser esse.

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - Vamos permitir só mais três perguntas, por conta do horário. Precisamos encerrar.

A SRA. DEBORAH CANCELLA PINHEIRO CELENTANO - E ainda vai haver o sorteio dos livros.

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - Sim, ainda vai haver o sorteio dos livros.

(Não identificado) - Ainda em relação a essa questão de como desarmar a bomba – e eu realmente acredito que isto está no nível educacional, como o colega disse –, tratamos este tema da sombra, da psicologia, como algo apartado do nosso dia a dia, tanto que, quando entramos em sala de aula na posição de educador, temos medo de tocar em certos pontos por não sermos especialistas.

E a questão da sombra, apesar de eu estar longe de ser um especialista, é algo que eu já trago para dentro das minhas instruções, dentro das habilidades de relacionamento, há muito tempo. E é algo que devia ser tratado na primeira infância, em rodas de conversa em que fossem mais trabalhadas as questões da vivência comunitária. O que perdemos foi o contato com a vivência comunitária. Hoje realmente está tudo disponível, mas o que procurar é algo que fica muito dentro da questão do autocentramento de cada um.

Eu relato uma experiência particular minha. Os meus filhos estudaram numa escola Waldorf, que tem essa questão do comunitário desde cedo. As crianças nem aprendem a ler até aos 7 anos, porque a ideia ali não é focar, pelo contrário, é desfocar, é ver a diversidade. Sinto que estamos presos ainda numa escola de conteúdo, conteúdo, conteúdo, e as pessoas simplesmente não aprendem a olhar para os outros, porque não experienciam a comunidade. Experienciar a comunidade é experienciar o diverso, é ver o contraditório.

Então, eu sinto que, de fato, desarmar essa bomba vai levar no mínimo uma geração. Seria preciso realmente começarmos a tratar isso na primeira escola. Muito mais importante do que a criança aprender caligrafia antes dos 7 anos é ela ouvir os amigos, conhecer a experiência dos demais, para lidar com essa diversidade de uma forma mais orgânica.

Acho natural que nós que vivemos esse processo de uma Internet que não existia e que de repente passou a existir tenhamos que aprender a lidar com uma afronta a essa sombra de uma forma às vezes muito dolorida. Mas, se a pessoa lida com isso desde a primeira infância, isso vem de uma forma natural. Acho muito óbvio que ela, no momento em que veja a questão das fake news, por exemplo, saiba lidar com isso de uma forma mais madura. É claro que esta questão vai ser sempre uma perseguição de gato e rato. Por outro lado, as pessoas mais bem formadas, que estão olhando para o diverso com essa naturalidade, são menos “coercitíveis”, vamos dizer assim.

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

(...)

(Não identificado) - Bom dia.

Mesmo considerando que esta polarização é mundial, eu vou fazer uma pergunta dirigida aos três focando o Brasil. Vou tentar contextualizá-la rapidamente.

Considerando a recém-nascida democracia brasileira neste período que nós estamos vivendo agora e considerando também que a sociedade já apontou para o centro-direita, depois apontou para o centro-esquerda e atualmente aponta para a extrema-direita, eu pergunto a vocês: nos estudos que fizeram para chegar até aqui, até que ponto vocês consideram que essa polarização que nós vivemos hoje é necessária, é histórica, faz a sociedade aprender? Olhando para trás, mesmo os países hoje desenvolvidos democraticamente, com sociedades maduras, até que ponto eles tiveram que passar obrigatoriamente por processos similares a este para poder avançar? A pergunta é mais ou menos esta: até que ponto vocês consideram que essa bomba não é necessária ou não pode ser desarmada instantaneamente, agora?

(...)

A SRA. DEBORAH CANCELLA PINHEIRO CELENTANO - Está bem.

Inicialmente, quero falar dos excelentes comentários de vocês, que abrilhantaram mais ainda o nosso evento de hoje.

Sobre essa pergunta, eu acho que a democracia é o próprio processo de aprendizagem. Dentro dela, nós aprendemos muito. Então, isso tem a ver com amadurecimento democrático. Parece que nós escolhemos uma via não muito democrática, porque o autoritarismo brasileiro ficou desvelado. Em várias camadas familiares, nós escutamos pessoas da família que são apoiadoras de tortura, coisas assim. Muita gente saiu do armário nesse sentido. Mas acho que é um aprendizado para todos nós, e antes estar com a bomba acontecendo. Eu acho importante essa bomba acontecer para nós nos conscientizarmos da realidade mesmo. É duro, é sofrido crescer enquanto democracia. Está sendo sofrido, eu acho que está sendo doloroso.

O SR. JOÃO VIANNEY BARROZO COSTA SEVERO - Só quero acrescentar que eu acho que, em termos psicológicos, todo sintoma — o colega ali havia perguntado se isso não seriam sintomas, e eu acredito que sim — trabalha em direção da cura. Então, eu realmente acredito que isso que o colega disse faz sentido. Nós talvez precisássemos passar por isso. Eu só não tenho certeza sobre essa questão de desarmar ou não a bomba, porque, de repente, nós podemos não estar vendo as consequências disso lá na frente. Eu me considero impotente para desarmar a bomba, pelo menos isso eu consigo

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

enxergar. Agora, se nós precisamos ou não desarmá-la, essa é uma questão interessante. Talvez isso realmente seja um processo, ou seja, nós estamos passando por alguma coisa, estamos exibindo sintomas que denotam algum tipo de doença, e o próprio sintoma — Jung viu desta forma — já é um esforço em direção à cura. Pode ser isso realmente. Agora, vem aquela questão: “Ah, então vamos ficar tranquilos. Não precisamos fazer nada”. É aí que eu acho que nós caímos na armadilha.

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - Quero complementar o que o Vianney falou e destacar outra coisa que nós observamos nos estudos do grupo.

Temos lidado com esse tipo de questionamento, sim. Temos lido alguns autores que estão se debruçando sobre essa guinada, vamos chamar assim, à direita, à extrema-direita, aqui e em outros lugares. Uma explicação que é recorrente e tem sido recorrente em alguns autores que temos lido é que isso tudo seria fruto de, bem resumidamente, um grande ressentimento com os próprios processos, por exemplo, de globalização. É uma globalização que beneficia certos grupos, mas traz vários malefícios para outras categorias.

Pode-se destacar, por exemplo, o deslocamento intensificado de pessoas, o trânsito de pessoas. Certas comunidades passaram a ter contato com pessoas que, vamos dizer assim, não batiam dentro daquela sua identidade nacional ou regional. Então, a dificuldade é porque isso é visto como uma ameaça, infelizmente, por parte do diferente para essas pessoas.

Outra consequência da globalização é o deslocamento de indústrias e fábricas para outros países e o fechamento dessas indústrias no seu país de origem. Portanto, há desemprego em massa de trabalhadores que atuavam naquela indústria.

Há, então, um conjunto de efeitos de processos de globalização e de financiamento da economia que vai gerar uma série de ressentimentos e mágoas, vamos dizer assim, e suscitar as sombras — para usar o termo sobre o qual nós estamos conversando esta manhã aqui.

Isso é o que temos visto em termos de tentativa de explicação e de compressão desses processos mais recentes de guinada à extrema-direita, de processos que alguns chamam de desdemocratização ou iliberalismo. Muitos também apontam como o fim do humanismo, como se os valores humanistas já estivessem nos seus últimos suspiros. São visões bem pessimistas, mas acho que há elementos e evidências para esse pessimismo.

Fico com uma frase que nós lemos em um livro, em que o cidadão falava que nós tínhamos que organizar o pessimismo. Não é fuga, ignorar ou fazer de conta que nada

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

disso esteja acontecendo, mas também é não cair no desespero, no fatalismo: “Ah, as coisas vão melhorar. É um ciclo”. Eu não consigo imaginar a coisa toda em ciclo, que tudo vá melhorar e é só dar tempo ao tempo.

Acho que a nossa participação como pessoas que estão convivendo nessa sociedade, como cidadãos, é fundamental. Precisamos reconhecer que o cenário não é dos melhores e que isso gera um pessimismo, mas também precisamos tentar nos apropriar de forma madura, realista e esperançosa desse pessimismo. Organizar esse pessimismo, para mim, seria mais ou menos isso, o que não é nada fácil também.

Nada do que estamos falando de manhã, neste encontro, é fácil. Também não há respostas prontas. Mas o que temos visto é que há esse conjunto de pensadores que apontam para os efeitos tardios, talvez, da globalização financeira, da movimentação de pessoas, como geradores de um conjunto de ressentimentos e de um conjunto de sombras e seus bodes expiatórios.

(Não identificado) - Eu não quero ocupar mais muito espaço. É sempre ruim ser a última a perguntar, mas quero dizer que a palestra foi maravilhosa.

Eu também sou cientista política, fiz meu mestrado no CEFOR, e esse recorte dos afetos e da política chegou muito tarde para mim. Eu estava olhando para outro lado nas minhas pesquisas e, quando me debrucei sobre isso, fiquei realmente maravilhada. Mas agora é um pouco tarde para terminar a minha dissertação em outra área, pois já mudei de tema. *(Riso.)*

Contudo, eu estava pensando num recorte, em quando nos fazemos a pergunta, que como cidadã me pergunto muito: como desarmar a bomba, ou como sobreviver nesse cenário, entendendo que às vezes é, sim, cíclico? Daí, recordo-me muito da filosofia do Espinoza quando fala dos afetos tristes. Acho que é um recorte que poderia conversar muito com essa pesquisa.

Não sei onde vocês estão nesse cenário e me interessaria muito ver isso. Creio que poderíamos pensar: “*Óbvio, os afetos são biopolíticos, nesse recorte que tem não só o Espinoza, mas também outros, e são também sociais*”. E me pego pensando sempre no Brasil, no quanto a nossa desigualdade econômica e social faz com que os nossos afetos tristes se revelem, no quanto isso faz com que as nossas sombras se projetem, porque elas são gritantes em nossa sociedade.

O recorte de tentar tanto desarmar essa bomba nós vemos na nossa micropolítica e nas nossas relações, porque, vendo-nos assim, nos pensamos tão ameaçados pelo outro que nos isolamos. Daí, a perspectiva comunitária e solidária fica inviabilizada, afinal de

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

contas eu preciso defender primeiro o meu, “*farinha pouca, o meu pirão primeiro*”, a minha insegurança, a minha casa, o meu ser ensimesmado. Assim, não consigo me agregar para fazer pequenas transformações, mesmo que seja pintar uma rua onde fica a minha casa.

Ao mesmo tempo, no macro, eu penso: e a desigualdade que o Brasil vive e que é por ela assolado? Quanto disso nós vamos conseguir fazer só cuidando uns dos outros? Se não pensarmos politicamente em estruturas que são reproduzidas e que, anos a fio, tentamos romper na sociedade, o quanto isso nos coloca num cenário de tristeza? Isso porque, como brasileiros, vendemos nossas alegrias. Mas tenho visto cada vez mais pessoas doentes, muitos cenários de dependência química, muitos cenários de separações familiares. Nós pensamos, claro, que é muito difícil – e é preciso fazer o nosso serviço pequenininho – ver o quanto nos relacionamos com o ódio. O ódio é medo, medo é tristeza, tristeza é um afeto triste. Também é difícil ver o quanto podemos levar isso para as nossas escolhas políticas. O recorte da desigualdade econômica e social no Brasil pode ser visto sob esse ângulo?

(...)

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - O Espinoza foi um dos autores de quem, há mais ou menos 2 anos, o grupo tentou se aproximar. Antes, queria saber se foi uma pergunta ou não. Foi uma colocação ou uma provocação?

(Não identificado) - Foi uma provocação.

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - Você indaga se é possível nos debruçarmos sobre a política a partir de todo esse arcabouço de contribuições, de conceitos do medo, dos afetos, não é isso?

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. COORDENADOR (Mauricio Suhett Spinola) - Acredito que sim. Há total vinculação entre uma coisa e outra. As múltiplas desigualdades de renda, de riqueza, de oportunidades, a divisão social, a divisão sexual no trabalho, conforme comentou a colega, todas essas múltiplas desigualdades são percebidas por esses diversos grupos que estão, vamos dizer assim, na mira delas. E isso, com certeza, tem o seu equivalente no mundo dos afetos, na circulação de afetos, em certos aspectos, e no bloqueio ou na dificuldade de se fazer circularem outros afetos, os afetos alegres. Então, acho que sim.

(Não Identificado) - Eu penso sempre... *(inaudível.)*

O poder precisa de pessoas tristes para dominar. E, se nós não nos percebemos reproduzindo essas afeições tristes... Felicidade triste é eu ver o meu inimigo triste e ficar feliz. Isso é uma felicidade, uma afeição triste.

O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NA POLARIZAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

E quanto um padre lhe causa ferida quando você vai até ele para ouvir uma solução para a sua dor: “*Você é pecador, eu tenho a salvação e vou lembrá-lo de que você é pecador*”. São todas as relações de poder que precisam dessa tristeza, sejam os relacionamentos abusivos, sejam as relações tóxicas, sejam elas quais forem.

Eu li um texto que achei curioso: nós vivemos hoje sob o governo de um Presidente numa relação de poder, numa relação abusiva do Estado. O brasileiro está numa relação abusiva com o Estado.

Há pesquisas sendo feitas a respeito da desigualdade? Aqui, estamos falando da polarização política, porque há dois polos, mas também há outros. Nós falamos de polarização política, mas poderíamos falar de desigualdade social no Brasil e dos arquétipos de sombra: o ressentimento daquele que não entra numa universidade, ou do garoto periférico que não tem a mesma oportunidade e está ressentido; o ressentimento daquele que é rico e, de repente, sente-se menos rico ao ver que outras pessoas ascenderam. Há mais pesquisas trazendo isso à baila e coisas acontecendo, por exemplo, dentro do grupo de estudos a que vocês pertencem? Há mais material sendo feito nesse recorte? Eu entendo e queria saber se vocês entendiam que era possível também analisarmos a desigualdade social nesse aspecto.

A SRA. DEBORAH CANCELLA PINHEIRO CELENTANO - Eu vou complementar um pouco a fala do Maurício.

O José Murilo de Carvalho, que eu trago no capítulo 13 do livro, faz essa abordagem de cidadania, e não da cidadania no Brasil. Ele ainda conclui que não via que a democracia iria prosperar no Brasil enquanto o País estivesse dividido em castas sociais, castas separadas, como ele diz, pela renda, pela cor, pelo gênero, e tudo o mais. Ele acreditava que, em algum momento, a nossa cidadania poderia caminhar. Ele esperava uma cidadania — e possui propostas —, mas achava que ela poderia cair no autoritarismo em função de o Brasil ser separado por castas sociais.

(...)

Diagramação/captação e edição do vídeo que deu origem ao texto: COEAD/CEFOR

Transcrição e edição: Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação.